

Cemitério Municipal de Irajá

Equipe Cemitériosp
Michelle



Igreja Nossa Senhora da Apresentação, em cima de um monte, atrás dela o cemitério.

Criado em 22 de outubro 1895, o cemitério fica no bairro de Irajá no estado do Rio de Janeiro. Situa-se precisamente atrás da Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, a segunda mais antiga do estado, doadora do terreno de 3.000 metros quadrados de área para o cemitério e que destaca-se pelo seu estilo barroco primitivo, localiza-se na Praça Nossa Senhora da Apresentação.

O primeiro enterro verificado no cemitério da municipalidade foi do menino Pedro Quintino de treze anos de idade, recebendo a sua sepultura o número sete, por ser na época considerado adulto bem como o recém-nascido Manoel com cinco dias de nascido, ocupando a sepultura número um. Segundo esclarecimento em 1993 do auxiliar de administração Marcos Sérgio, o cemitério municipal de Irajá é o único existente na região, estendendo-se até o bairro de Vista Alegre e que teve no decorrer dos anos, inúmeros administradores, sendo o atual administrador o funcionário Jorge Oscar Pinto da Silva. Em nova pesquisa realizada em março de 1997, o quadro permanecia inalterado.

Particularidades:

*** Nos anos de 1900 a 1919 a urna funerária [caixões], eram conduzidos em carroça de bois. As pessoas que acompanhavam o enterro, também utilizavam esse tipo de transporte - outros iam a pé e alguns a cavalo. Só existia coche funerário na cidade e quem do subúrbio quisesse utilizá-lo, teria que ter posses e ir á cidade para contratar.**

*** Segundo uma das mais antigas moradoras do bairro de Irajá, Elvira Nascimento, nos seus 95 anos bem vividos, na década de 30, os velórios eram feitos nas próprias residências dos falecidos e as coroas, eram**

colocadas nas paredes da casa e corredores, conforme a maior ou menor quantidade. Durante o velório, era costume os parentes do falecido oferecerem café, bolo, biscoito etc., aos presentes. Era uma forma de agradar e agradecer pela consideração ao falecido bem como a própria família. Além das carpideiras, haviam grupos que faziam velório voluntariamente sem sequer conhecer o morto para usufruir dos comes e bebes, oferecidos pela família do falecido. No transcorrer do velório, contavam histórias, piadas e proporcionavam brincadeiras como do "gurufim...gurufim", forma de passar o tempo, até a hora de sair o enterro. O cortejo era todo ele feito a pé até o cemitério de Irajá.

* O luto de sete dias, era uma característica tradicional. As Mulheres vestiam-se de preto com mangas compridas, algumas inclusive, usavam chapéu com véu preto, além das luvas, meias e sapatos. Os homens por sua vez, usavam terno preto ou então o fumo [tarja], na lapela do paletó.

* As missas oficializadas eram do sétimo dia, mês e ano. Dai por diante, de ano em ano, data de aniversário e de falecimento. Havia também a missa de corpo presente.

* Na década de 40, os enterros passaram a ser acompanhados a pé ou através de carros próprios ou especiais [alugados] quando da presença do carro coche [carro fúnebre]. O bonde elétrico, também foi utilizado para as finalidades mencionadas.



Cemitério do Irajá – Rio de Janeiro

Imagem: <http://www.projetovidanova.com.br/blog/mavin/?p=125>